

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM GOIANO de Geografia

INSTITUTO DE ESTUDOS
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

Edição Especial
20 Anos

VOL. 21 - N.º 1 - JAN./ JUL. 2001

NOTAS

MILTON SANTOS

Maria Auxiliadora da Silva¹

Brotas de Macaúbas. Chapada Diamantina, 3 de maio de 1926, nasce Milton Santos, filho de Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos, ambos professores primários formados pelo ICEIA. No ano do seu nascimento, o Brasil passa por uma grande agitação política e social, com a impopularidade do então presidente da República Artur Bernardes e a eleição de Washington Luís. É a época da Coluna Prestes.

A família de sua mãe, cujos pais eram também professores primários, gozava de prestígio por onde passava. Já a família paterna era mais humilde e descendia de escravos. Os pais de Milton sabiam que o caminho para a liberdade era a educação. Conheceram-se em 1921, a poucos dias da festa de formatura do Sr. Francisco, na escola Normal de Salvador. D. Adalgisa ingressaria na mesma escola em 1924, casando-se nesse mesmo ano.

Partiram, então, para Brotas de Macaúbas, onde morava um irmão mais velho de D. Adalgisa, Dr. Agenor, advogado brilhante na região, conhecedor do latim e do grego. Sua clientela era importante e seu projeto de vida deu certo, a ponto de ser proprietário de um Ford Bigode, que às vezes desaparecia de circulação, já que a gasolina vinha de Salvador e nem sempre chegava regularmente.

O curso primário, Milton o fez em Alcobaça com os pais, que lhe ensinaram o francês, entre os oito e dez anos. Ali nasceram Nailton e Yeda, seus irmãos. Aos 10 anos, prestou exame de admissão no Instituto Baiano de Ensino, tradicional colégio de Salvador, dirigido pelo Professor Hugo Balthazar da Silveira. Passou em primeiro lugar e foi aceito como aluno interno. Pela primeira vez longe da família, conhece o significado da palavra saudade. Foi colega e amigo de Dr. Geraldo Milton da Silveira, Dezildo Menezes Pereira, Methódio Coelho, Bernardo Leone, dentre outros. Criou e dirigiu o jornal "O Farol", que promovia debates literários e difundia conceitos filosóficos. Mais tarde fundou "O Luzeiro", para o qual "redigia textos, incentivava os colegas a fazê-los, revisava-os, fazia a paginação e distribuía o jornal", segundo Geraldo Milton, que acrescenta: "Nele eram publicadas obras de romancistas, contistas, poetas pobres e iniciantes e literatura de cordel".

1. Professora do Departamento e Mestrado de Geografia do IGEO-UFBA

“Na minha geração, ser cultivado fazia parte da vida”. Havia o culto a escritores e intelectuais, como Castro Alves, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Eça de Queiroz, cujas obras eram lidas e comentadas. Milton Santos sempre distinguiu-se em Matemática e Filosofia. Na Geografia, era admirador de Josué de Castro, que descobriu através de seu professor do Curso Secundário, Oswaldo Imbassay. Bem mais tarde, os dois, Milton e Josué, exilados na França, reencontraram-se, infelizmente pouco tempo, pois Josué veio a falecer, sem receber as homenagens que o Brasil devia-lhe. Nessa época, como Milton costumava dizer, a Bahia era uma “Ilha”, uma cultura não industrializada.

Terminado o curso no Baiano de Ensino, Milton se preparava, no Colégio da Bahia, para entrar na Faculdade. A influência do tio Agenor foi fundamental na escolha da carreira. Milton fez a Faculdade de Direito. O Brasil declarava guerra aos países do eixo, Alemanha, Itália e Japão. Nessa época, criou o PEP – Partido Estudantil Popular e a ABES – Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas – uma alternativa da UNE. Chegou a ser candidato à presidência da UNE, mas foi aconselhado a trocar sua candidatura para vice, deixando a presidência para um amigo comunista, Mário Alves, com o argumento de que um negro teria dificuldades em interagir com as autoridades. A chapa foi eleita, Milton aceitou o cargo de vice, mas nunca esqueceu esse fato. Participa também da embaixada pró-construção do mausoléu de Castro Alves e sai com caravana de estudantes pelo interior do Estado, para arrecadar fundos. Foi seu companheiro, entre outros, Geraldo Milton. Nessa ocasião, ministrava aulas de Geografia Humana, explicando aos alunos “os novos rumos das relações políticas que a guerra vinha determinando no planeta”.

Já na Faculdade de Direito, Milton empolgava seus colegas com discursos pela democracia. De seu grupo de intelectuais faziam parte Fernando Santana, João Falcão, Jacó Gorender, entre outros. O término do curso de Direito coincide com a morte do seu Tio Agenor, em uma travessia do Rio São Francisco, quando voltava de Salvador, onde fora articular sua campanha para deputado estadual. Um episódio entre dois grupos pela disputa do grêmio estudantil fez com que Simões Filho, ex-ministro da educação e dono do poderoso jornal A TARDE, conhecesse Milton e o convidasse para trabalhar na redação do jornal quando terminasse a Faculdade. Esse foi o início de uma amizade profunda e duradoura entre os dois. Era uma época movimentada, com o fim do Estado Novo e da 2.^a Guerra Mundial.

Os pais de Milton, após a longa estada no interior, voltaram para Salvador em 1940, estabelecendo-se na cada de D. Maria José, tia de Milton, no Gravatá, localidade no entorno da Baixa dos Sapateiros. Poucos anos depois, com financiamento da Caixa Econômica, compram a casa da Estrada da Rainha, onde fundaram uma escolinha que até hoje funciona sob a direção da Prof.^a Altair Gabrielli, prima de Milton.

Depois de formado, Milton foi professor de Geografia do ICEIA e do Colégio Central. Submeteu-se a concurso com a tese *Povoamento da Bahia*, passando, então, a ocupar, como catedrático, a cadeira de Geografia Humana do Ginásio Municipal de Ilhéus, ocasião em que já era correspondente do jornal A TARDE. A maneira como descrevia os fatos e a elegância dos textos fez de Simões Filho um admirador seu. Auta Rosa Calazans Neto, em conversa informal, conta que, ainda menina, no colégio das freiras, ela e suas colegas, em Ilhéus, admiravam aquele professor que dava aulas no Ginásio Estadual, sempre elegantemente vestido, sem dispensar o colete. Uma dessas meninas, Maria da Conceição Malta (morta recentemente), veio a ser, posteriormente, uma das suas colaboradoras no Laboratório que mais tarde seria fundado para os trabalhos de pesquisa em Geografia na UFBA. Incentivada por ele, como o foram muitos outros, seguiu a França, para curso de Pós-Graduação, onde se casa, tornando-se Lecarpentier. Recebeu apoio intelectual e financeiro do Dr. Milton e da “família” do Laboratório para a primeira viagem à França. Durante todo tempo, permaneceram sempre amigos.

Ilhéus foi fundamental para Milton. Lá ele escreve artigos de grande importância para o jornal e publica o livro *A Zona do Cacau*, no qual já aconselha veementemente as autoridades e os proprietários de terra a abandonarem a monocultura, sob pena de sofrerem um desastre econômico mais tarde. Nessa época, começa a se interessar pela AGB, Associação de Geógrafos Brasileiros, após uma das viagens ao Rio de Janeiro para curso de férias promovido pelo IBGE e onde conhece Aroldo de Azevedo e outros grandes nomes da Geografia da época.

É em Ilhéus também que conhece Jandira Rocha, com quem se casa e tem o primeiro filho, Milton Santos Filho mais tarde, brilhante professor da Faculdade de Economia da UFBA e ex-Secretário de Finanças da gestão Lídice da Mata. Milton Filho, falecido prematuramente em plena fase de produção intelectual, foi casado com a Ana Fernandes, professora doutora,

atual diretora da Faculdade de Arquitetura da UFBA, com quem teve dois filhos, Nina e Alei. A morte de seu filho em 96, bem como a de seu irmão Nailton, pouco depois, é um duro golpe para esse homem tão ligado aos dois. Por volta de 1955 ou 56, vem para Salvador já casado, e assiste à formatura de Nailton, seu irmão, também bacharel em Direito. Yeda, sua irmã, então estudante de Medicina, ministrava cursos de inglês, alemão, latim e espanhol na casa da Estrada da Rainha. Milton aluga um apartamento no Loteamento Lanat, muda-se em seguida para o Tororó, e, finalmente, para o Chame-Chame.

A essa época, ocupava o cargo de editorialista do jornal A TARDE e de professor da Faculdade Católica de Filosofia, cujo diretor, Irmão Gonzaga, dedicava uma grande amizade e admiração ao jovem professor. Do jornal A TARDE tinha como amigos o professor Ari Guimarães e Jorge Calmon, esse último, redator chefe do jornal. Nesse tempo, as amizades tinham um significado maior. Durante o tempo em que permaneceu nesse jornal, escreveu 116 artigos versando sobre a zona do cacau, a cidade do Salvador, Europa e África e outros temas locais e globais. A formação de Milton muito deve-se a Simões Filho, cuja admiração era mútua. Uma grande e afetuosa família: esse era o caráter que Simões Filho quis imprimir à redação do seu jornal. Mais tarde esse exemplo seria seguido por Milton Santos, com sua equipe do Laboratório de Pesquisa em Geografia, fundado em 1959.

Em 1956 por ocasião do Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro, Milton encontra-se com os grandes geógrafos que já conhecia por suas obras, tais como Orlando Ribeiro, de Portugal, Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines, Pierre Birot, André Cailleux e o seu mestre maior Jean Tricart. "Com ele aprendi o rigor, a vontade de disciplina, a obediência a projetos e o gosto de discutir" dizia Milton. Impressionado com a inteligência e a cultura do jovem professor, Tricart convida-o para um curso de Doutorado no Instituto de Geografia da Universidade de Strasbourg, um dos mais renomados da Europa. Assim, Milton fez a sua primeira grande travessia do Atlântico, em direção ao que seria, mais tarde, seu segundo país, ao recebê-lo, anos depois, como exilado.

Em Strasbourg, apesar de ser tratado como professor, tinha contatos diretos e agradáveis com os estudantes do mundo inteiro que freqüentavam essa grande Universidade. Sobre ele, escreveu o professor Tricart: "O humor,

a alegria e o sorriso de Milton, classificado como inimitável, conquistaram a simpatia de toda a equipe da Universidade”. Milton Santos costumava dizer que essa primeira longa viagem foi a “grande mudança da sua visão de mundo e na sua concepção política. A partir da Europa, seguiu para o seu primeiro contato com a África, e a compreensão dos dois continentes o inspirou a escrever *Marianne em preto e branco* (Marianne, figura feminina, que simboliza a França), publicado em 1960. Diz Milton, “...a herança francesa é muito forte, embora eu tente me libertar dela até com certa brutalidade. Mas ela é responsável por um estilo independente que aprendi com Sartre, distante de toda forma de militância, exceto a das idéias”.

Volta a Bahia, após defender com brilhantismo sua tese de doutorado *O Centro da Cidade do Salvador*, um clássico da Geografia, tão atual como se fosse hoje escrito. Ainda como professor da Faculdade Católica de Filosofia, trazia professores franceses (Jean Tricart, Pierre George, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Etienne Juillard, Michel Rochefort, Pierre Monbeig, Guy Lassère, Bernard Kayser, dentre outros), portugueses (Orlando Ribeiro, Raquel Socio de Brito, Fernandes Martins e outros) e brasileiros (Manoel Correia de Andrade, Araújo Filho, Aziz Ab’Saber, Aroldo de Azevedo, Orlando Valverde, Penteadó, Luís Rodrigues e Lyzia e Nilo Bernardes, dentre outros) para conferências abertas ao público. Entre esses professores encontravam-se também as jovens professoras Teresa Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo e Ana Dias da Silva Carvalho, as duas primeiras também recém-doutoradas por Strasbourg. Em fins da década de 50, Milton inscreve-se no concurso para livre docência da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, mas, surpreendentemente, o concurso não se realiza, por razões que o professor Délio Pinheiro classifica como vinculadas a uma “oligárquica e segregacionista sociedade baiana de belas gravatas e verdades encobertas”. Milton Santos recorre à justiça, tendo como advogado o então Deputado Federal e futuro Senador Nelson Carneiro, vencendo em todas as instâncias e tendo se submetido com brilhantismo ao concurso em 1960, com a tese *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia*.

Após a chegada à Bahia, em 1958, vindo da França, instala seu escritório no Edifício Antônio Ferreira, na rua Chile. Nessa ocasião, conhece, em uma cerimônia, o então reitor da Universidade, Edgard Santos. Como é de costume na França o cumprimento com um aperto de mão, Milton faz esse gesto em direção ao Reitor, tido como aristocrata, que fica

impressionado com o gesto, com a simpatia e elegância do jovem professor e, por isso, em um encontro dias depois, encarregou-o de organizar um grupo de pesquisa, em cujo nome, entretanto não deveria figurar a palavra Geografia, já que a direção não seria dos professores da Faculdade. Assim, com o apoio do reitor Edgard Santos e do encontro com o professor Tricart, no Hotel da Bahia (único hotel moderno da cidade naquele tempo), representando a Cooperação Técnica Francesa, cria-se o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia em 1.º de janeiro de 1959. A França – com o General De Gaulle na Presidência e o Ministro da Educação, André Malraux – abria-se, sobretudo para a América Latina. A essa altura, com equipe já organizada, formada pelas três jovens professoras acima citadas, por jovens estudantes de Geografia e de História e por recém-formados inicia-se a fase da pesquisa de Geografia da Bahia, cujo ensino, na Universidade da Bahia, já contava com nomes de peso como o dos professores Dalmo Guimarães Pontual e Waldir Freitas Oliveira. Para sediar os trabalhos do grupo, o professor Hélio Simões cedeu um espaço do seu Laboratório de Estudos Portugueses, nos fundos da Faculdade de Filosofia. Nesse mesmo ano, Milton Santos organiza o IV Colóquio Internacional Luso-Brasileiro, com o patrocínio da Universidade da Bahia e da UNESCO. Nessa ocasião, professores vindos de várias partes do mundo trocaram idéias no campo da Geografia e das ciências sociais.

A década de 60 pode ser considerada como a época áurea de Geografia na Bahia, pois o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais representou uma proposta acadêmica renovadora. Nele, a ciência geográfica era tratada não apenas como técnica, mas com reflexão. Além de atrair jovens vindos de todo o Brasil e da França, no Laboratório a motivação era constante: trabalhos de campo, seminários, cursos, apresentações de trabalhos, leituras comentadas, reuniões científicas, enfim, um ambiente de efervescência cultural e científica. Estudos e diagnósticos sobre Salvador e o Estado da Bahia foram realizados pela equipe, a partir de solicitações de organismos administrativos. O ambiente era de troca intelectual sem competições negativas. Dessa forma, Milton Santos promove a Geografia ao *status* de disciplina nobre, aproximando-a de outras ciências: política, economia, história, sociologia e filosofia.

É desse tempo (entre 1959 e 1964) o trabalho exaustivo denominado Programa de Estudos Geomorfológicos e de Geografia Humana da bacia do Rio Paraguaçu, estudo que teve o objetivo de contribuir para a melhoria

das condições de vida das populações locais, realizado por solicitação da Comissão de Planejamento do Estado e com o apoio do Instituto Joaquim Nabuco de Pernambuco. Um outro grande projeto foi o estudo sobre o uso da terra nas zonas cacauceira e ocidental do recôncavo, para o Serviço Social Rural, já com análise aerofotogramétrica. Entre 1958 e 1964 foram publicados mais de 60 títulos, livros e artigos de revistas, de autoria de professores brasileiros e estrangeiros. Os deslocamentos eram feitos em um *Citroën deux-chevaux*, modelo especial para trabalho de campo, oferecido pela Cooperação Francesa, que também doou equipamento para o LGERUB, e no ônibus da recém fundada Escola de Geologia da Universidade.

Era nessa época que o Dr. Thales de Azevedo, então diretor da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, na Bahia, mantinha um seminário frequentado por sociólogos, geógrafos, economistas, antropólogos. Distinguiam-se intelectuais como Jorge Calmon, Frederico Edelweiss, Raymond Vander Haegen, cônsul da França e diretor da excelente Casa da França, Clarival do Prado Valadares, Pinto de Aguiar, Luis Navarro de Brito, Valentin Calderon, José Calazans, Luis Henrique Tavares, Edite da Gama e Abreu, Isaias Alves, Lísia e Vital Duarte, Fernando Santana, e os muito jovens Fernando Pedrão, Severo Salles e Remy de Souza, dentre outros. Nesse ambiente, cria-se o Boletim Baiano de Geografia, que se manteve até 1969, que publicava artigos de geógrafos do Brasil e da França.

Nessa época, destacam-se, ainda, outros centros de ensino e pesquisa, tais como o Instituto de Economia e Finanças, o Gabinete de Estudos Portugueses, o Laboratório de Fonética e o Gabinete de Filologia Românica.

Durante todo esse período, a equipe do laboratório participava ativamente das reuniões anuais da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) nas quais se estudava, exaustivamente, a cidade sede do encontro e seu entorno. Durante 15 dias a AGB era um espaço intelectual importante na época. Em 63, Milton Santos foi eleito presidente da AGB não sem enfrentar, em Penedo-Alagoas, sede da reunião da AGB em 1962, preconceitos quanto à sua candidatura, sendo veementemente defendido, na ocasião, por Caio Prado Júnior, então editor da *Brasiliense*. Um ano depois, realizou-se com grande sucesso a AGB em Jequié, sob a presidência de Milton.

A brilhante carreira do Professor tomou vários rumos quando Jânio

Quadros, eleito Presidente da República, mostrou desejo de levar, na sua viagem a Cuba, um dos redatores do jornal A TARDE e o Prof. Jorge Calmon, redator-chefe do jornal, indicou Milton Santos. Essa viagem aproximou os dois, Jânio e Milton e, logo após ser empossado, Jânio o convidou para ser subchefe da casa civil na Bahia, cargo que exerceu durante o curto mandato do presidente. Nessa ocasião, propôs a Jânio medidas como punições a bancos e exportadores e imposto sobre as grandes fortunas, o que foi acatado pelo presidente.

Logo depois, o governador Lomanto Júnior o nomeou presidente da Comissão de Planejamento Econômico (CPE), cargo que ele deixou em 1964. Durante o exercício desse cargo, entre 1963 e 1964, Milton Santos tratou de temas de política econômica e planejamento regional, a partir de uma perspectiva científica, utilizando-se da linguagem acadêmica. Apesar de exercer cargos tão importantes, nunca negligenciou seu trabalho no Laboratório. Aquela casa de pesquisa e de trabalho funcionava como uma grande família, onde a confiança, a solidariedade e o companheirismo eram a tônica. Todos que desejaram tiveram a oportunidade de realizar cursos de pós-graduação na França ou na África, desenvolvendo suas aptidões, sempre estimulados pelo Professor Milton Santos, que transmitia, além de ensinamentos, motivações e autoconfiança, através do pensamento autônomo, crítico e criativo. Com sua capacidade incontestável de gestor, compreendia diferenças e incentivava a produção.

A implantação de uma nova filosofia de trabalho em Geografia, até então inexistente no Brasil, abre espaços para a geração de pesquisas, capazes de movimentar outras mentes e acionar novas idéias.

Em meio a esse clima, é colhido pela longa noite iniciada em 1964. Avisado de que corria perigo, é convidado pelo Professor Van der Haegen, cônsul honorário da França, para abrigar-se em sua casa, ao tempo em que Nailton, seu irmão, é acolhido na casa de Celso Furtado. De nada adiantou para Milton: enquanto Nailton, ainda em abril, partia para o México de onde, só lá chegando, comunicou-se com a família, Milton era preso e enviado para o 19 BC, no Cabula, um fim de mundo, na época, onde parte de sua equipe do Laboratório e seus amigos iam diariamente visitá-lo sem poder aproximar-se muito. Com ele, na cela, no "espaço doméstico", ficaram Auto de Castro, Professor de Filosofia da Universidade da Bahia e o engenheiro Ernesto Dremher, superintendente da Refinaria Landulfo Alves, de Mataripe.

Sobre Milton, diz Auto de Castro: “Em 1949, conheci Milton. A Bahia, nessa época, era muito pequena. Havia uma convergência social para rua Chile; a elite da Bahia reunia-se no Café de Bernadete, que era a sede do Partido Socialista. Era uma portinha junto a Livraria Civilização Brasileira, mais tarde sede da VASP. Intelectuais, poetas, gente da Academia de Letras e políticos aí reuniam-se, enquanto moças casadoras, senhoras da sociedade e até a burguesia baiana desfilavam entre às 16 e 18:30 na rua famosa. Naquela época, havia um espírito na cidade: comentários, anedotas e todos os fatos políticos eram imediatamente conhecidos na rua Chile, devidamente desdobrados e criticados. Hoje não existe mais isso – a cidade cresceu muito e perdeu esse espírito”.

Enquanto estive na prisão, chegavam cartas e convites de várias Universidades francesas. O próprio Van der Haegen serviu de intermediário entre o governo francês e o Coronel Humberto Melo, responsável pelo 19 BC, segundo ainda Auto de Castro. Na véspera de São João, devido a um início de derrame, foi levado ao hospital e depois solto. Tentou ainda continuar sua vida de cidadão e de intelectual, mas o Brasil fechou-lhe as fronteiras. Em dezembro, conheceu uma das suas experiências mais dolorosas: deixar o Brasil, seu filho Miltinho – o casamento já tinha terminado –, sua família, seus amigos, suas raízes. Partiu para a Universidade de Toulouse Le Mirail, onde seu “irmão” francês, Prof. Bernard Kaiser, o esperava, tentando proporcionar-lhe um ambiente de trabalho favorável e oferecendo-lhe amizade de irmão. Mais tarde, na mesma Universidade, recebeu o título de Dr. *Honoris Causa*, o primeiro dos 20 que receberia durante toda sua vida.

É preciso dizer que, embora afastado fisicamente, Milton, este intelectual e emocionalmente ligado à Bahia, teve muitos trabalhos que aqui continuaram a realizar-se sob sua orientação. As professoras Antônia Dea Erdens e, posteriormente, Tereza Cardoso da Silva, no Laboratório, continuavam o trabalho de Milton, dirigindo a equipe por ele formada.

De Toulouse, onde ficou por três anos, Milton Santos fixa-se em Bordeaux. Lá, entre os seus alunos, havia uma que se distinguia dos demais, Marie Hélène Tiercelin, que mais tarde viria a ser sua mulher, nos últimos quase trinta anos, mãe de seu segundo filho, Rafael. Marie Hélène foi um marco em sua vida pessoal e intelectual. Proporcionou-lhe, no ambiente de trabalho, a paz, a tranquilidade e o equilíbrio necessários ao seu mister de

grande pensador. E, sendo geógrafa, trocava com ele idéias de trabalho, além de ter feito as traduções de vários de seus livros. Observa-se que a fase de grande produção intelectual de Milton começou em início de 70, com Marie Héléne.

A partir de 1964, também começa a sua longa trajetória pelo mundo. De Bordeaux, onde fica durante um ano vai para Paris, onde convive com amigos franceses, entre os quais Michel Rochefort, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Pierre George, Guy Lassère, George e Niki Coutsinas, Oliver Dolffus, Jacques Levi e brasileiros entre os quais Miota e Luís Navarro de Brito, Miguel Arraes, Celso Furtado, além de alunos brasileiros que se encontravam cursando o doutorado nas diversas universidades francesas. Para a Venezuela, onde foi contratado para estudar Caracas no programa "Venezuela Hoje", financiado pelo governo da Venezuela e pela ONU, segundo informações da Prof.^a Dr.^a Antônia Dea Erdens, leva consigo alguns colaboradores: dois brasileiros, a própria Antônia Dea e Licia do Prado Valadares, e duas francesas: Prof.^a Héléne Lamicq – hoje reitora da Universidade de Creteil (FR) – e Marie Héléne Tiercelin. Antes de seguir para Toronto, casa-se, no Haiti, em 1972, com Marie Héléne. Viajam, assim, para a Universidade Politécnica de Lima (73), Dar-es-Salaam (74-76), onde se torna amigo do então presidente Nyerere. Daí segue para a Columbia (NY 76-77) e volta à Venezuela (75-76). Foi também professor pesquisador durante dois anos do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge (71-72), quando então é convidado para fundar um Laboratório de Geografia na Nigéria, África.

Marie Héléne está grávida de Rafael. Como um presente para Milton, para que seu filho nascesse baiano, Marie Héléne decide vir à Bahia. Era o pretexto que ele precisava para voltar em definitivo ao Brasil, já que as duas vezes que aqui esteve, antes de 1977 – uma das quais para SBPC e a convite da Prof.^a Maria de Azevedo Brandão – foram passagens rápidas. Durante os treze anos fora do país, estruturou a base do pensamento que analisa o impacto social provocado pelo desenvolvimento urbano político e econômico. Milton volta, conhecido e admirado mundialmente, já com várias obras publicadas. Trazia um novo livro que iria revolucionar a Geografia pelos seus conceitos. *Por uma Geografia Nova*, dedicado a Lígia Ferraro, sua amiga, morta prematuramente. O lançamento do livro aconteceu na Livraria Civilização Brasileira da Avenida Sete, nas Mercês. No mesmo ano, Professor Milton enche um auditório do Instituto de Geociências da

UFBA, com cerca de 200 pessoas vindas de todas as partes da Bahia e do Brasil em um curso de extensão sobre “A Cidade Mundial de Nossos Dias”. Nasce Rafael, em julho de 1977.

A UFBA, entretanto, não se interessa por reintegrá-lo como professor. Em anos anteriores, vários reitores foram procurados para que trouxessem Milton do seu exílio. Algumas promessas foram feitas, em vão. A UFBA, em 1977, continuou em silêncio, assim como as demais universidades do Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul. Milton Santos vai para o Sul, trabalha entre São Paulo e Rio de Janeiro como consultor. Em São Paulo, é convidado por sua amiga Maria Adélia Aparecida de Souza, na época coordenadora de Ação Regional do governo Paulo Egydio Martins, como consultor, enquanto não conseguia uma função na Universidade. Em 1979, vai para o Rio de Janeiro, onde é contratado como professor assistente. Continuou realizando trabalhos esporádicos. Foram anos difíceis, pelo fato de não saber o que lhe reservava o futuro, para ele e sua pequena família. Finalmente, em 1984, com o apoio de jovens professores, submete-se ao concurso para titular na USP. Foi fundamental, nesse momento, o apoio dos amigos Maria Adélia Souza e Araújo Filho, da mesma forma que a Professora Maria do Carmo tinha sido, na UFRJ. Na USP, manteve um grupo de pesquisadores nos mesmos moldes do antigo Laboratório de Geomorfologia, os quais continuam até hoje. A partir daí, a carreira brilhante de Milton Santos começou a decolar no Brasil, apesar de já ser conhecido no mundo inteiro. Os convites do exterior continuaram.

Foi professor visitante da Universidade de Stanford, na Cátedra de Joaquim Nabuco (97-98). Foi Diretor de Estudos em Ciências Sociais, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris 1998). Consultor das Nações Unidas, OIT, OEA e UNESCO. Consultor junto aos governos da Argélia e Guiné Bissau. Consultor junto ao Senado Federal da Venezuela para questões metropolitanas. Membro do comitê assessor do CNPq e ex-coordenador da Comissão de Coordenação dos Comitês Assessores do CNPq (82-85). Coordenador da área de Arquitetura e Urbanismo da FAPESP (Fundação para o Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo, 91-94). Membro da Comissão de Alto nível do Ministério da Educação, encarregada de estudar a situação de ensino no país (98-90). Membro da comissão especial da Assembléia Constituinte do Estado da Bahia, encarregado de redigir um ante-projeto de Constituição Estadual (89). Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional

(ANPUR 91-93). Presidente da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE 93-95).

Em 1994, recebeu o Prêmio Internacional Vautrin Lud, correspondente ao Nobel da Geografia, tendo como proponente o Professor Jorge Gaspar, da Universidade de Lisboa. Costumava dizer que, a partir desse prêmio, a mídia brasileira lhe abrira as portas. Recebeu-o na pequena cidade Saint-Dié des Vosges, coincidentemente na região da cidade Strasbourg onde havia defendido, na década de 50, o seu doutorado. Pela primeira vez na história desse prêmio, ele era outorgado a um geógrafo que não era nem francês nem norte-americano.

Milton Santos recebeu ainda mais de duas dezenas de medalhas, tais como: Medalha de Mérito, Universidad de La Habana, Cuba, 1994; Colar do Centenário (Conjunto de Obra em Geografia) Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1997; Ordem 16 de setembro – Primeira Classe, Estado de Mérida, Venezuela, 1998; 11.ª Medalha Chico Mendes de Resistência, Grupo Tortura Nunca Mais, Rio de Janeiro, 1999; Medalha do Mérito, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1999, entre outras. Dentre os prêmios destacam-se: Vozes Expressivas do Final do Milênio, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1997; Homem de Idéias, 1998, Caderno Idéias, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1998; O Brasileiro do Século, Revista Isto É, 1999 (laureado na categoria Educação, Ciência e Tecnologia, entre 20 personalidades); Prêmio Jabuti (melhor livro de Ciências Humanas) 1997, com *A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*, Hucitec, São Paulo, 1996; prêmio UNESCO na categoria Ciência, 2.ª edição, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Brasília, 2000. Seu último prêmio foi o Multicultural Estadão Cultura, em junho de 2000, concorrendo com inúmeras personalidades e sendo votado por milhares de brasileiros. Em uma cerimônia carregada de emoção e beleza, disse: “Considero a indicação do prêmio Multicultural Estadão Cultura como um presente expressivo que coroa, de alguma forma, o meu trabalho intelectual [...] Meu desejo secreto, o desejo dos pensadores, e é difícil confessá-lo, é que o seu trabalho possa ter alguma repercussão, sobretudo quando ele ultrapassa os limites da sua própria área e da universidade. O fato de seu o trabalho ter uma visibilidade em camadas mais amplas da sociedade dá ao seu autor, não a certeza que ele tenha o aplauso geral, mas um certo conforto de ver que o seu discurso não é um discurso fechado. **Agradeço a todos que votaram em mim, aos meus amigos e ofereço**

esse prêmio a todos os brasileiros que tanto esperam de seus intelectuais”.

Entre 1980 e 2000, Milton Santos recebeu vinte títulos de Dr. *Honoris Causa* de Universidades do Brasil, da América Latina e da Europa. Publicou mais de quarenta livros e mais de 300 artigos em revistas científicas, em português, francês, espanhol e inglês. Seu último livro, publicado em 2001 pela editora Record, foi: *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Organizou diversos livros, números especiais de revistas científicas em português, francês e inglês. Fez pesquisas e conferências em diversos países, dentre os quais: Japão, México, Colômbia, Costa Rica, Índia, Argentina, Uruguai, Tunísia, Argélia, Costa do Marfim, Benin, Togo, Gana, Panamá, Nicarágua, Espanha, Portugal, República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, França, Tanzânia, Venezuela, Peru, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Senegal e Itália. Concedeu inúmeras entrevistas à mídia falada e escrita, a entidades diversas, a estudantes etc.

Em 1996, para os seus 70 anos, amigos reuniram-se para prestar-lhe uma homenagem, em um Seminário Internacional, em São Paulo, denominado **O mundo do Cidadão. Um Cidadão do mundo**. Nessa ocasião, foi lançado um livro com o mesmo nome, com depoimentos de 67 intelectuais e amigos de todas as partes do mundo, acolhidos na ocasião pela USP, entre os quais, Manoel Correia de Andrade, Maurício Abreu, Aurora Garcia Ballesteros, Paul Claval, Leila Dias, Inês Costa Freire, Octavio Ianni, Rosa Ester Rossini, Armen Mamigonian, Joaquim Bosque Maurel, Rui Moreira, Aldo Paviani, Richard Peet, Ana Clara Torres Ribeiro, Teresa Barata Salgueiro, David Slater, Neil Smith, Marlene d'Aragão Carneiro, Teresa Cardoso da Silva, José Estebanez Alvarez, Jacques Lévy, Creuza Santos Lage, Neyde Maria Gonçalves, Sílvio Dvorecki, Saskia Sassen, Maria Azevedo Brandão, Délio Ferraz Pinheiro, Carlos Reboratti, Graciela Ortega, Daniel Hiernaux-Nicolas, Jorge Gaspar, Pedro Geiger, Adir Rodrigues, Ana Fani Carlos, Pablo Ciccolella, José Borzacchiello, Ana Clara Ribeiro, José Estebanez Alvarez, Miguel Panadero, Ana Maria Gicochea, Terence McGee, Germán Wettstein, Maria Auxiliadora da Silva, Remy Knafou, Pedro Vasconcelos e Sílvio Bandeira de Melo entre muitos outros. A Prof.^a Maria Adélia Aparecida de Souza e o grupo de jovens mestrandos e doutorandos do Prof.^o Milton Santos na USP organizaram a cerimônia. O livro foi organizado pela Prof.^a Maria Adélia de Souza, que contou com a colaboração dos Profs. George Benko, de Paris-Sorbonne; Hélène Lamicq da Universidade de Creteil, Milton Santos Filho da Faculdade

de Economia da UFBA; Luiz Cruz Lima da Universidade do Ceará e Maria Auxiliadora da Silva da UFBA. Esta cerimônia marcou o reconhecimento pleno da importância de Milton Santos.

Segundo Maria Adélia de Souza, “Milton foi exilado político. Mas, como poucos não tira proveito disso, exerce vivamente a ética na política. Jamais comportou-se como vitrine do regime militar [...] Sofreu todas as dificuldades para estabelecer-se e sobretudo, reingressar na vida e nas universidades brasileiras. Apesar das vicissitudes, procura exercer o seu labor e construir, aí sim, um profundo pensamento teórico e político que o Brasil e os brasileiros necessariamente, aos poucos estão tendo de conhecer e admirar. Milton se instala, não como herói que volta carregado nos braços do povo, mas, difícil, cautelosa e profundamente, vai impondo-se como um dos principais pensadores e intelectuais brasileiros, com um pensamento e uma posição política profundos e inarredáveis. No exílio, dedica-se obstinadamente aos estudos. É aí que fundamenta, sem dúvida nenhuma, sua obra posterior”.

Além das universidades francesas, americanas e latino-americanas, da África e da Ásia, Milton Santos colaborou ainda com a Complutense de Madrid, de Barcelona e de Lisboa.

Na trajetória de Milton Santos é importante lembrar sua disponibilidade para com os amigos, para com os jovens, seu interesse por eles, sua percepção aguçada que fez de cada um que privou de sua amizade, sentir-se o único. Essa afeição também atingiu amigos como Octávio Ianni, Gervásio Neves, Michel Patty, Joaquim Bosque Maurel, Paul Claval, Jacques Hubschman. Estar ao lado do Prof.º Milton Santos traz a segurança de estar perto da sabedoria. Sua presença é forte e ao mesmo tempo suave e sua energia, vontade e alegria são contagiantes.

Em 24 de junho de 2001 a saudade toma lugar de sua presença generosa, do seu sorriso aberto, de sua fala firme e suave, ficando a certeza de termos convivido com quem soube, mais do que ninguém, defender a construção de um mundo mais humano.

Salvador, setembro de 2001

DEPOIMENTO: PARA SEMPRE NA MEMÓRIA

A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE MILTON SANTOS

Romualdo Pessoa Campos Filho¹

CIDADÃO DO MUNDO

Desde que ingressei na Universidade Federal de Goiás, como docente, em 1995, tenho-me debruçado sobre os escritos de Milton Santos. Tempo mais do que suficiente para aprender a respeitá-lo e admirá-lo, e a me tornar leitor ardoroso de seus textos e livros, embora formado em História, com pós-graduação nessa mesma área.

A necessidade de recorrer à produção acadêmica na área da Geografia fez-me compreender melhor a importância do entendimento da relação tempo-espaço. Afinal, nada se dá fora do tempo, nem ocorre no vazio, senão em um determinado espaço. Além da fundamental compreensão de que nada acontece isoladamente, somente este ou aquele fato podendo ser explicado dentro de um processo que aponte as causas e dê-nos a dimensão de um presente que nada mais é do que a somatória de tempos passados. A junção e conjugação de espaços que se transformam em um acúmulo incessante de novos objetos, gerados por outros, que, outrora novos, foram envelhecidos pelo tempo.

Milton Santos passou a ser um referencial para um redirecionamento das minhas dimensões intelectuais. Afinal, eu buscava aliar os meus conhecimentos historiográficos à noção e dimensão do pensar geográfico. Era uma tentativa de consolidação de uma visão geo histórica que não me deixasse perdido em um emaranhado de conceitos e categorias, vendo-os de maneira formal, como se vê habitualmente no senso comum, e banalizando a importância do conhecimento geográfico para o entendimento das relações humanas. Firmei, assim, a convicção, que já me acompanhava a partir de uma visão dialética de mundo, que é preciso bem mais do que uma mera análise da superfície terrestre; dos cursos dos rios; dos afluentes

1. Prof. do IESA/UFG – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. E-mail: romualdo@iesa.ufg.br

das margens esquerdas e das margens direitas; da localização cartográfica; das capitais e de seus estados; dos tipos de solo e da qualidade da água. Questões importantíssimas para entender o todo que abrange o nosso planeta, mas insuficientes se desconsiderarmos o principal elemento de ligação: o ser humano, razão primeira e última da existência de todo conhecimento, pois é por ele que todo o saber é gerado.

Milton Santos é, inegavelmente, a principal fonte do conhecimento geográfico brasileiro e um dos mais importantes da Geografia mundial. Ficamos privados de sua presença física, mas não de suas idéias, de seu pensamento e de um vasto conjunto de obras que não é um fim, mas um caminho para consolidar o papel importante que desempenha, ou deve desempenhar, o pensamento geográfico atualmente no mundo.

GEOGRAFIZANDO O HUMANO

O viés humano da Geografia transportava-a, do sentido estrategicamente imposto por séculos, desde os seus primórdios, que visava facilitar (e guardar) a localização de fronteiras dos nascentes Estados absolutistas, ou desde já o desenvolvimento cartográfico para tal fim, objetivando encontrar mercadorias e mercados, para uma visão mais ampla e racional, no entendimento de que era preciso inseri-la como uma ciência humana. O lugar, o território, o espaço, a paisagem, as cidades, o urbano e o rural, a cultura, as tradições, enfim a busca de conhecimentos não mecanicamente estabelecidos, mas em uma interação dialética que aponta claramente as relações entre o planeta e a sociedade, visualizando as “heranças sociais materiais e o presente social”². Sem limitar-se, contudo, à simples constatação de uma determinada realidade, mas procurando soluções que dêem conta de resolver os problemas da imensa maioria da população.

A Geografia mudou, em um percurso oposto àquele tomado pela História. Enquanto aquela buscava abranger o todo em uma abordagem dialética, encontrando no marxismo os elementos basilares para o entendimento da racionalidade e das contradições que moviam as sociedades humanas, o conhecimento histórico tomava outro rumo, caracterizando-se

2. Santos, Milton. *Território e Sociedade*. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2000. p. 26

pela fragmentação. A História fragmentara-se e aprofundara-se no localismo, no cotidiano e nas mentalidades e, à medida que aprofundava-se em suas especificidades, afastava-se do presente e da noção de totalidade, mesmo procurando evitar os riscos do anacronismo.

Apesar de Braudel, que soube trabalhar brilhantemente as noções de espaço e espacialidade, e via tempo-espaço como inseparável, o enfoque dialético que ligará os restos do passado à inexorabilidade das explicações do presente transfere-se para a Geografia, aproximando-a cada vez mais da sociologia, da filosofia, da economia e da própria história.

E ninguém melhor que Milton Santos soube compreender o momento da Geografia, direcionando seus olhares para o fazer, na maneira como o homem no presente constrói o seu futuro sobre os restos do passado. Vendo nas técnicas, e em seus usos, as respostas para o entendimento das complexas relações sociais, como “um dado fundamental da explicação histórica, já que a técnica invadiu todos os aspectos da vida humana, em todos os lugares”³. Mas, mesmo com tais considerações, ele via a vida “não como um produto da técnica, mas da política, a ação que dá sentido à materialidade”⁴.

Surpreendentemente, se considerarmos os direcionamentos dos fatos históricos das duas últimas décadas, a produção intelectual do professor Milton Santos avançou na contramão de idéias hegemônicas que procuravam colocar-se como esclarecedoras e definidoras de um fatalismo, que nos impunha a crença em um fim do qual não poderíamos escapar. A “globalização” colocava-se como inevitável, e a sociedade futura como um deslumbramento da vitória do “livre-mercado” sobre o “leviatã”, *inoperante máquina do Estado a entrar o progresso*. Não somente o neoliberalismo despontava como o ápice das liberdades, como o pós-modernismo surgia para por fim à uma época que se caracterizou pela consolidação dos Estados-Nações e que alcançou seu auge e, também, os limites de suas contradições, com o *Welfare-State*. A crise do socialismo dava um ar de *déjà-vu*, de estancamento de uma utopia cujo “fracasso” só confirmava a convicção de ser o capitalismo e a economia de livre-mercado o futuro incontestável da humanidade.

3. Santos, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 67.

4. Idem. p. 39.

Não foi essa a análise que fez Milton Santos em 1993, momento máximo da euforia neoliberal, no 3.º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, realizado no Rio de Janeiro, quando apontava as principais tendências dos anos 90:

Na hora atual, e para a maior parte da humanidade a globalização é sobretudo fábula e perversidade: fábula porque os gigantescos recursos de uma informação globalizada são utilizados mais para confundir do que para esclarecer: a transferência não passa de uma promessa. (...) Perversidade, porque as formas concretas dominantes de realização da globalidade são o vício, a violência, o empobrecimento material, cultural e moral, possibilitados pelo discurso e pela prática da competitividade em todos os níveis. O que se tem buscado não é a união, mas antes a unificação.⁵

Contudo, apesar da acidez das suas críticas quanto ao processo da globalização, da destruição de valores e do encolhimento do indivíduo à superficialidade de suas relações, gerado pelo enorme poder da massificação midiológica, Milton Santos apontava na contradição de ser este mundo três em um só, o elemento motivador da crença de que a globalização não passa de uma percepção enganosa na qual se impõe a informação, alicerçada na produção de imagens e do imaginário. “O primeiro é o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização”⁶.

Assim, direcionou seus últimos escritos na contraposição do discurso hegemônico, caracterizado como “Consenso de Washington”, e tornou-se uma das vozes mais importantes na abordagem do processo atual que atravessa a humanidade. “Ao contrário do que se disse antes, a história não acabou; ela apenas começa. Antes o que havia era uma história de lugares, regiões, países. (...) O que até então se chamava de história universal era a visão pretensiosa de um país ou continente sobre os outros, considerados bárbaros ou irrelevantes”⁷.

5. Idem. p. 56.

6. Santos, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2000. p. 18.

7. Idem. p. 172.

Acreditando na força do pobre e do lugar, Milton Santos enfatizava, utilizando-se de uma expressão da professora Maria Adélia de Souza, que “todos os lugares são virtualmente mundiais”.⁸ o próprio sentido da globalidade corresponderia a uma maior individualidade e nessa relação unicidade-totalidade acreditava que tornava-se necessário encontrar os novos significados do mundo atual redescobrimdo o lugar.

Aos pobres ele concedia a primazia de situar-se em um ponto de intersecção com o futuro. Acreditava que o distanciamento ao totalitarismo da racionalidade transformava as imagens do conforto, da modernidade tecnológica, em miragens para aqueles que por não estarem inseridos nessa aceleração contemporânea, nesse mundo da profusão de sempre novos objetos, eram por ele caracterizados como “homens lentos”. E por assim ser, por escaparem dessa ventura vedada aos ricos e às classes médias, é que os pobres podem esquadrinhar as cidades e ver na diversidade a necessidade de transformação.

“Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado com carência a satisfazer – carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar”.⁹

Como afirmou o geógrafo e ex-presidente da SBPC, Aziz Ab’Saber, Milton Santos foi um filósofo da Geografia. Procurou incorporar a crítica aos seus estudos geográficos em um crescente resgate da concepção humanista, fundamentada na dialética marxista e no existencialismo sartriano. E assim, ele se impôs perante a Geografia mundial, e no Brasil tornou-se um dos mais citados intelectuais do momento. Para confirmar a exceção, em uma regra caracterizada pela formação cultural dominada por uma elite branca e “estrangeirizada”, a sua cor negra não foi barreira para que se consolidasse como uma das vozes altissonantes da universidade brasileira, e de nossa cultura de uma maneira geral. Autoridade que lhe permitia, inclusive, cobrar coerência de seus colegas de Academia, e a ser duro nas críticas à apatia em que vivia a universidade.

8. Santos, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 252.

9. Idem. p. 261.

Em seu último escrito, um artigo publicado pelo jornal *Correio Braziliense*, afirma que

“por definição, vida intelectual e recusa a assumir idéias não combinam. Esse, aliás, é um traço distintivo entre os verdadeiros intelectuais e aqueles letrados que não precisam, não podem ou não querem mostrar, à luz do dia, o que pensam. (...) A apatia ainda está presente na maior parte do corpo professoral e estudantil, o que é sinal nada animador do estado de saúde cívico dessa camada social cuja primeira obrigação é constituir, como porta-voz, a vanguarda de uma atitude de inconformismo com os rumos atuais da vida pública¹⁰.”

Cidadão do mundo, como não gostava de ser chamado, esgrimiou na força de seus argumentos, de suas criações e elaborações intelectuais a esperança de um outro mundo, de uma outra globalização. Suas idéias e seus ensinamentos nos reconfortam, na medida em que não fiquemos apenas em nossa individualidade e transfiramos nossos sentimentos humanistas para a construção de uma utopia, sem a qual a nossa existência não teria sentido.

O legado de Milton Santos é essencial para entender um mundo de rápidas transformações técnicas e tecnológicas. Mas acima de tudo, para nos fazer compreender melhor os rumos de uma humanidade marcada pelo irracionalismo, pela plasticidade determinante da aparência, pela emoção fabricada por uma ação midiológica que nos tira a razão humana e nos conduz por caminhos marcados pela ganância e egoísmo. Por isso, ele apontava a necessidade de construirmos uma outra globalização, acreditando, como está registrado em suas obras, que um outro mundo é possível.

O *Boletim Goiano de Geografia* publica trabalhos originais de atualização geográfica e metodológica em forma de artigos, retrospectivas, relatórios, resumos e resenhas.

10. *Correio Braziliense*, 03 de junho de 2001.